

Resenha do livro:

VICENTIN, Sonia Antonovicz; HEROLD JUNIOR, Carlos. **O Corpo da docência: a mulher e a construção do ensino normal em Guarapuava (1930-1960)**. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

Resenha de:

Rodrigo dos Santos¹

Valorizando as mulheres na história

O campo educacional é rico em pesquisas específicas sobre metodologia, fundamentos, história, entres outros. Entretanto, em meio a pesquisas sobre Guarapuava e a docência no ensino deste município paranaense deparamos com a obra: “O Corpo da docência: a mulher e a construção do ensino normal em Guarapuava (1930-1960)”.

O livro, como versa na sua apresentação, foi resultado do projeto “Escolarização e instituições educacionais em Guarapuava (1860-1960)”, realizado no departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) no período de 2007 a 2009, com recursos do CNPQ. O projeto teve como impulso “incrementar, qualitativa e quantitativamente, estudos que focalizassem as diferenciadas facetas da educação de Guarapuava a partir de uma perspectiva histórica” (p.7).

Os autores, experientes em história da educação, chamam a atenção que as particularidades de cada região auxiliam na construção do coletivo da história da educação. Pode-se apontar que esta é a grande contribuição desta obra, a partir de Guarapuava pretende-se apontar a totalidade da mulher nas práticas educacionais, principalmente na docência.

Além dessas primeiras impressões, outro fator que merece destaque foi a dedicação à memória de uma das professoras normalistas de Guarapuava: Julia de Santa Maria Pereira falecida em 19 de outubro de 2011. Torna-se importante salientar que as escolas normais foram às instituições que formaram as normalistas, as professoras que atuavam no ensino das primeiras letras, guardando as devidas proporções de tempo e especificações técnicas o que equivale nos dias atuais ao ensino fundamental I.

Sobre os pesquisadores, Sonia Antonovicz Vicentin é formada em pedagogia, professora da rede municipal de ensino do Município de Guarapuava e tutora a distância do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro, possui especialização em Gestão Escolar (UNICENTRO), Arte e Educação (ESAP), e Educação Inclusiva (UNICID) A coautoria da obra é de Carlos Herold Junior, graduado em Educação Física, entretanto, concentra-se em estudos relacionados à história da educação. Atualmente é professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá-UEM e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste- UNICENTRO.

A obra analisa a “naturalidade e os problemas da relação entre o magistério e as representações sobre a mulher”, especialmente na Região de Guarapuava (p. 22). Ou ainda, “Objetiva analisar os debates acerca da construção do ensino normal em Guarapuava e compreender as diferentes representações sobre as mulheres retratadas nos jornais que circularam na cidade entre as décadas de 1930 e 1960” (p.13).

Com isso, a obra além de valorizar as mulheres na história, foca em História Regional, justificando-se pelas lacunas e a pouca quantidade de estudos sobre a história da educação de Guarapuava, enquanto outras cidades possuem. Apesar disso, o estudo não se prende apenas aos estudos guarapuavanos.

Outro elemento considerável pauta-se na fonte utilizada para o desenvolvimento da pesquisa. Ocorreu um diálogo frequente com os jornais, entre eles o Jornal Folha do Oeste de propriedade do fazendeiro e político Antonio Lustosa. Este jornal em alguns momentos foi o único semanário do município de Guarapuava, retratando aspectos políticos, educacionais e sociais da sociedade guarapuavana e brasileira por décadas. A importância do jornal foi que a partir dele conseguiu-se apontar os embates nas várias esferas governamentais.

Com relação à estrutura, o livro “O Corpo da docência” foi organizado em duas grandes áreas (dois capítulos), com divisões. Sendo a primeira: A Mulher e seus diferentes papéis educacionais na História (divido em: a condição da mulher na sociedade industrial, a educação feminina no Brasil no século XIX e início do século XX, o desenvolvimento do ensino normal brasileiro, a feminização do corpo docente) e a segunda: Mulheres, educação e formação de professores no Paraná e em Guarapuava (o ensino normal no Paraná no final do século XIX e início do XX, as representações sobre a mulher e o desenvolvimento do Ensino Normal em Guarapuava). Percebe-se que os autores partem na análise do geral para o específico, ou seja, referindo-se em uma forma resumida, simplista: dos questionamentos brasileiros para os guarapuavanos.

Na primeira parte da obra os autores apontam o percurso feminino de mudanças positivas e negativas no advento da sociedade moderna com os primeiros indícios de industrialização até o século XX, especialmente 1930 com as transformações da mulher dona de casa para a mulher professora, devido a diminuição masculina no magistério e a possibilidade de conciliação da atividade com os afazeres domésticos.

No item “a condição da mulher na sociedade industrial” os autores demonstram que a sociedade de classe foi/é formada por uma estrutura patriarcal de sociedade surgida concomitantemente com a propriedade privada (p.31) e com o advento da modernidade aparecem novas características adquiridas pelas mulheres agrupadas em dois campos, o primeiro campo: econômico, e o segundo: social e cultural (p. 35). Merece ainda destaque os processos sociais como a reforma protestante que fez com que a educação feminina fosse debatida (p. 38).

A subdivisão “A educação feminina no Brasil no século XIX e início do século XX” aborda as mudanças dos séculos XIX e XX. A educação formal nas escolas destinada as mulheres preteriam as atividades do lar, como lavar, cozinhar, cuidar dos filhos (p. 47). Em nenhum momento, neste período, as mulheres eram direcionadas para o mercado do trabalho, devendo “servir” como uma boa dona de casa.

Os elementos referentes a criação de Escolas Normais foi a preocupação do fragmento “O desenvolvimento do ensino normal brasileiro”. As escolas normais estabelecidas no Brasil pelas Províncias no Império por uma lei de 1827 (p. 54). Nos anos seguintes a 1835 com a criação da primeira Escola Normal do Brasil elas tiveram trajetória incerta com a extinção de algumas delas (p.55). A partir de 1870 com transformações na estrutura social e política foi que ocorreu a consolidação deste tipo de escola (p. 56). As mulheres apareceram como professoras no final do século XIX por causa da pouca demanda masculina (p. 58).

O item “A feminização do corpo docente” repercute aspectos da predominância feminina na docência como a possibilidade das mulheres conciliarem a atividade do magistério com os afazeres domésticos, segundo autores da época (p. 63). As reformas no ensino com o advento do “Estado Novo” também contribuíram para isso (p. 69).

Apesar disso, alguns educadores acreditavam que a maternidade poderia prejudicar o magistério (p.73). Infere-se que com a maternidade a mulher deveria se afastar para

cuidar de seus rebentos e em alguns casos não voltam para atividade nas escolas, ou ainda não conseguindo conciliar.

No capítulo II, intitulado: “Mulheres, educação e formação de professores no Paraná e em Guarapuava” os autores apontam a trajetória da Educação no Paraná e no município de Guarapuava. Diante desse quadro, apontando ainda o ensino normal, identificam a mulher a partir das páginas dos jornais desta cidade. Neste capítulo, diferente do primeiro capítulo que possuiu quatro divisões, este foi fragmentado em apenas duas, sendo o primeiro os apontamentos sobre o Paraná e o segundo sobre o município de Guarapuava.

O item “O ensino normal no Paraná no final do século XIX e início do XX” demonstra as iniciativas paranaense, principalmente no ensino normal. Pela modernização da educação no Estado foi enviado no final do século XIX e início do XX profissionais para o Estado de São Paulo para buscarem conhecimento por acreditar que na qualidade do ensino paulista (p. 79). A educação no Paraná “já era debatida, redundando no primeiro regulamento relativo à matéria em 1857” (p. 80). Além desse fato, o ensino normal iniciou-se em 1876 no Paraná (p. 81) quase vinte anos depois que a primeira escola normal do Brasil.

A opção por mulheres no ensino reflete-se também a questão de mãe e esposa, principalmente como forma de apresentar a paz aos paranaenses, devido as várias nacionalidades que formaram o Estado pelas (i) migrações. Com isso, a escola funcionou como uma espécie de “agente de nacionalização tanto do estrangeiro quanto do próprio nacional” (p. 87).

Na última parte desse item os autores anunciam o seguinte que se refere sobre a cidade de Guarapuava. Em Guarapuava o processo que culminou nas mulheres como professoras chegou ao final da década de 1920 (p. 90) e os debates sobre a Escola Normal Complementar em Guarapuava em 1924 funcionando efetivamente em 1927, tendo em 1929 a estatística de 23 alunas (p. 91-92).

O município de Guarapuava é analisado pelos autores na última parte do trabalho: “As representações sobre a mulher e o desenvolvimento do Ensino Normal em Guarapuava”. Neste item, os pesquisadores começam apresentam uma visão geral sobre as fontes: “Ao tomarmos como fontes primárias os jornais [...] observamos que a mulher, sua educação e os papéis sociais a ela atribuídos foram alvo de grande inquietação [...]” (p.93).

Os autores também apontam curiosidades apresentadas pelas fontes como o caso de processo, em 1956, de uma mulher que começou a trabalhar fora. O marido apontava a ausência de necessidade do trabalho de sua esposa, por ganhar salário suficiente (p. 100-101). Outra curiosidade, em 1951, a candidata à câmara municipal Alba Keinert (p. 107). A derrota da candidata foi explicada pela falta do entendimento, sendo isso uma competência não feminina (p. 109). Acreditava-se que a mulher ao trabalhar fora estava fugindo de suas obrigações de dona de casa, não conseguindo cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos (p. 102).

Além disso, os autores apresentam dados do município de Guarapuava no período das escolas normais, tinha-se nas primeiras décadas do século XX na cidade um Grupo Escolas, Escolas Particulares religiosas e não religiosas e escolas isoladas (p. 115-116). Entretanto, poucas crianças frequentavam as escolas. Amparados por Paulo Demário com obra datada de 1936, dos “50.000 habitantes do município, 70% eram analfabetos e que das 17.000 crianças em idade escolar, apenas um numero entre 2.000 e 3.000 frequentavam escolas” (p.116)

A obra ainda apontou a falta de professores para as escolas isoladas (p.117), devido o fato de que algumas mulheres eram filhas de grandes proprietários e mesmo concluindo o

Ensino Normal não pretendiam exercer o magistério (p. 118). Para resolver este problema foram criadas escolas normais regionais, atendendo famílias mais simples, em que as mulheres precisavam de uma profissão (p. 120).

Nesta esteira surgiu a proposta de uma escola normal regional anexa à Escola Nossa Senhora de Belém para atender alunas de vários distritos do município em um regime de internato (p. 120-121). A escola iniciou suas atividades em 1947 (p. 124), sendo inaugurada em 1949 (p. 128).

A partir do ano de 1949 também foi iniciado o funcionamento de uma Escola Normal Secundaria (p. 125), a instrução foi uma das prioridades na cidade, criou-se também novas escolas e faltava um corpo docente qualificado (p. 134). Como forma de incentivar foi publicada nos jornais de Guarapuava elogios e conclames as mulheres (p. 134).

Na parte final da obra os autores concluem que o processo de escolarização na cidade de Guarapuava se efetivou na segunda metade do século XIX e teve sua maior intensidade a partir de 1930 (p.140). A mulher passou a ser valorizada com a construção de escolas normais, perdendo a visão de submissa ao marido (p. 142).

A obra “O Corpo da docência: a mulher e a construção do ensino normal em Guarapuava (1930-1960)” apresenta grandes contribuições para a temática História da Educação. No campo de produção, a História, auxilia nas discussões sobre gênero, acaloradas na contemporaneidade pelas discussões de igualdade de direitos. No segundo a Educação enfatiza a importância da mulher na construção da instrução na sociedade.

O título da obra também é sugestivo a proposição de “Corpo da docência” infere-se a corpo em seu sentido biológico, organismo em transformação, fazendo analogia com o corpo humano, ou ainda como totalidade, enfatizando a totalidade do ensino enquanto instrução de direito a todos.

Apesar disso, como os autores desta obra endossam em muitos momentos desta obra aqui referida, a batalha no campo da História da Educação necessita de novos estudos e um maior aprofundamento do estudo da docência, inclusive enaltecendo o papel das mulheres, para o preenchimento de lacunas.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Bolsista Capes.